

Interseções

REVISTA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES

ISSN 2317-1456 / v. 26. n. 2 / 2024 / <https://www.e-publicacoes.uerj.br/intersecoes>

Decolonizando o turismo a partir de experiências com a ayahuasca na Região Metropolitana do Recife - RMR (Pernambuco-Brasil)

DOI: 10.12957/irei.2024.85387

Kleyton da Silva Rodrigues¹
Isabela Andrade de Lima Morais²

Resumo

Existe um movimento turístico que atrai pessoas de várias partes do Brasil e do mundo para a Região Metropolitana do Recife - RMR (Pernambuco) em busca de experiências com o chá da ayahuasca, um chá ancestral utilizado em rituais religiosos de cura por diversas etnias indígenas da Floresta Amazônica. O presente artigo visa entender as razões para esses deslocamentos e se é possível denominá-los como turismo, como etnoturismo, turismo religioso ou turismo místico. Foi utilizada uma metodologia qualitativa a partir de análises de entrevistas e relatos. Contato com a natureza, autoconhecimento, conexões com o divino, com algo espiritual e misterioso, curas no corpo e na alma, não separação entre o físico e o espiritual, acolhimento, e a segurança dos locais e o contato com os povos originários foram categorias mencionadas nos relatos das pessoas que consagraram a ayahuasca na RMR, o que indica a complexidade dessas experiências, além de colaborar para o entendimento da decolonização do turismo.

Palavras-chave

turismo; decolonialidade; ayahuasca.

Decolonizing Tourism Based on Experiences of Using Ayahuasca in the Metropolitan Area of Recife - MAR (Pernambuco-Brazil)

Abstract

There is a touristic movement that attracts people from all over Brazil and around the world to the Metropolitan Area of Recife (Pernambuco-Brazil) seeking an experience with the Ayahuasca, an ancestral tea used in religious rituals of healing by many indigenous groups from the Amazon Rainforest. This article aims to understand the reasons for these displacements and whether it is possible to call them tourism, ethno-tourism, religious

¹ Doutora em Antropologia e Professora do Programa de Pós-graduação em Hotelaria e Turismo – PPHTUR e do Departamento de Hotelaria e Turismo da UFPE. E-mail: isabela.morais@ufpe.br. <https://orcid.org/0000-0001-9698-2288>.

² Mestrando em Turismo, Cultura e Sociedade no Programa de Pós-graduação em Hotelaria e Turismo – PPHTur. E-mail: kleyton.rodrigues@ufpe.br. <https://orcid.org/0000-0001-9476-3516>.

tourism, or mystical tourism. A qualitative methodology was used based on the analysis of interviews and reports. Contact with nature, self-awareness, connections with the divine, with something spiritual and mysterious, healing of the body and the soul, the non-separation between the physical and the spiritual, the welcoming manner and safety provided by the locals and the contact with the native people were mentioned in the reports of those who took the Ayahuasca in the Metropolitan Area of Recife, indicating the complexity of these experiences, as well collaborating to the understanding of tourism decolonization.

Keywords

tourism; decoloniality; ayahuasca.

Introdução

A busca por uma experiência com o chá da ayahuasca, um tipo de bebida sagrada originária da Amazônia e utilizada em ritos e rituais pelos povos indígenas, tem atraído pessoas de diversas partes do Brasil e do mundo para a região metropolitana de Recife - RMR (Pernambuco).

A RMR, também conhecida como Grande Recife, compreende 14 municípios, em um deles, o município de Camaragibe, no bairro de Aldeia dos Camarás, distante 20km da capital pernambucana, há locais que realizam rituais utilizando o chá da ayahuasca. A Aldeia da Vida e a Aldeia UniOm, por exemplo, oferecem aos seus visitantes o chá sagrado indígena originário da etnia Yawanawa, trazendo saberes, fazeres e conhecimentos ancestrais que foram adquiridos através de vivências na Floresta Amazônica. Já município de Abreu e Lima, na Casa de Xamanismo Centro da Terra, tem a participação de diferentes culturas, como os Fulni-ô, do sertão pernambucano, e também indígenas da Amazônia, como os Yawanawá, os Huni Kuin, os Waninawa, os Noke Kuin, que guiam as pessoas nas experiências.

A presença dos indígenas contribui para a valorização de uma cultura tradicional e milenar, sendo algo que garante uma fonte de renda para os indígenas e oferece uma oportunidade para as pessoas não indígenas conhecerem uma cultura historicamente subalternizada pelo processo de colonização.

A busca por experiências através do chá da ayahuasca em meio a um contexto urbano e moderno possui objetivos que precisam ser compreendidos. Dessa forma, alguns questionamentos acabaram surgindo: é possível denominar esse deslocamento como turismo? Como ele se denominaria dentro da tipologia de turismo? Seria um etnoturismo, visto que as tradições indígenas estão presentes na motivação desse tipo de deslocamento? Ou talvez um turismo religioso, visto que tal experiência desperta a fé de cada indivíduo? Turismo místico também pode ser levado em consideração, devido aos relatos de autoconhecimento? Como podemos compreender a complexidade que envolve esse tipo de deslocamento?

Essas classificações (etnoturismo, turismo religioso e turismo místico) foram utilizadas porque foi possível percebê-las em algumas das motivações para o deslocamento dos turistas para os locais que realizam rituais utilizando o chá da ayahuasca na RMR. Por isso, surgiu o interesse em identificar qual desses nichos turísticos essa prática pode se inserir.

Além desses questionamentos, surgiu uma problemática que procura identificar como essa busca por uma experiência com o chá da ayahuasca pode colaborar para processos de decolonização de uma experiência (turística). Iniciamos apresentando a discussão sobre ayahuasca, etnoturismo, turismo religioso, turismo místico, complexidade e decolonialismo, seguido pela apresentação dos procedimentos metodológicos, exposição e discussão dos resultados da pesquisa, finalizando com as considerações finais do estudo.

A complexidade do Turismo

A atividade turística se baseia nos deslocamentos humanos e na interação sociocultural entre pessoas (Choo; Petrick, 2014; Krippendorf, 1999; Reisinger; Turner, 1998). A Organização Mundial do Turismo - OMT entende o turismo como uma atividade realizada fora do entorno habitual dos viajantes, por mais de 24 horas e menos de 365 dias, com a perspectiva de retorno ao local de residência. Entretanto, para fins de elaborar “estratégia para desenvolver o turismo em uma localidade, com vistas a atrair e agradar os diferentes perfis de visitantes” (MTur, 2010, p. 11), é comum que o planejamento turístico de um destino estabeleça segmentos ou nichos para o desenvolvimento da atividade turística em um determinado local.

O turismo indígena, por exemplo, é considerado por alguns autores como uma atividade segmentada, que integra o macrosegmento do turismo cultural (Lima; Coriolano; 2015). Também conhecido como etnoturismo, turismo étnico indígena, ecoturismo indígena, turismo indígena, turismo de base comunitária em comunidades indígenas, entre outros, essas iniciativas têm como base a natureza e cultura de povos indígenas (Souza *et al.*, 2021, p.312). Neto e Toppino (2019, p. 74) esclarecem que o etnoturismo ou ecoturismo responsável está aliado às definições de desenvolvimento sustentável, de proteção de ecossistemas e sustentabilidade local, e tem a cultura dos povos tradicionais e o meio ambiente como atratividades principais. Esse tipo de turismo tem a preocupação de

Mostrar a verdade da comunidade de forma socioambientalmente responsável e proporcionar uma experiência de aprendizado com o diferente, respeitando as diversidades sociais e biológicas do local e tendo sempre os interesses das comunidades locais como finalidades a serem perseguidas (Neto; Toppino, 2019, p. 79).

A experiência com o chá da ayahuasca na RMR traz uma conexão com a tradição indígena, já que o ritual é protagonizado por indígenas de diferentes etnias, porém a experiência não é realizada dentro das próprias comunidades tradicionais.

Outra questão que envolve as experiências com o chá da ayahuasca é a fé, o que pode relacionar essa experiência como um tipo de turismo religioso, já que no turismo religioso o motivo da viagem se dá pelo contato com o sagrado (Nascimento; Souza, 2019, p. 292).

O catolicismo, por exemplo, é uma religião muito representativa em todo o território brasileiro e em especial no Estado de Pernambuco, com as igrejas católicas que são locais turísticos muito visitados, mas o turismo religioso movimentava diferentes credos, como as religiões de matriz africana. Na Bahia, por exemplo, os terreiros de candomblé são patrimônios culturais e turísticos, possuindo mais de 1.000 terreiros que são visitados pelos turistas (Nascimento; Souza, 2019), pois, conforme assinala Abumanssur (2018, p. 92), o turismo religioso “ao permitir a experiência da alteridade, também cria espaços de reafirmação, fortalecimento e consolidação de uma fé ou tradição religiosa”. Portanto, o turismo religioso

tem como princípio fundamental a fé, envolvendo a participação de pessoas que se deslocam por motivos religiosos ou que objetivam participar de algum evento de cunho religioso, como a prática das peregrinações (Almeida; Enoque; Oliveira Júnior, 2019, p. 03).

Outro tipo de turismo que está relacionado à experiência com o chá da ayahuasca é o turismo místico, que compartilha aspectos comuns com o turismo religioso, porém este tem como característica a transcendência, e o turismo místico, a imanência (Gamboa, 2016, p. 28). De acordo com Gamboa (2016, p. 29)

En contraposición a la trascendencia fenoménica de este último, el turismo místico siempre tiene como principal motivación la búsqueda de las propiedades energéticas del lugar. Mientras que el turismo religioso tiene como factor de impulso la trascendencia y la fe, el turismo místico tiene como principal atractivo (o “atractivo superior”) la energía immanente del lugar. De esto se desprende que una de las diferencias más importantes entre ambas formas de turismo reside en los procesos de subjetivación, que marcan dos formas de experiencia distintas entre peregrinos y turistas.

O movimento *New Age* ou Nova Era, das décadas de 1970 e 1980, teve um papel decisivo para a consolidação do turismo místico, inclusive com o vocabulário associado, como vórtice energético, centro energético, harmonização, energização, meditação, abdução, vibração, visão, árvore da vida e alquimia, que são palavras que fazem parte do *corpus* conceitual do turismo místico (Gamboa, 2016, p. 31-32). Esses termos definem um conjunto de “propriedades energéticas” que estão muito presentes no lugar visitado, sendo essa característica o principal objetivo para esse tipo de deslocamento, ou seja,

baseia-se na busca por aspectos energéticos de cura e de conexão com um mundo superior.

Em se tratando do deslocamento de pessoas de várias partes do Brasil e do mundo para a RMR com a intenção de participar de rituais com o chá da ayahuasca, há aspectos que remetem a um conhecimento sobre a prática ancestral dos povos originários, bem como a busca espiritual (religiosa também), de autoconhecimento místico e de práticas de cura. Essas questões estão sempre presentes nos relatos das pessoas, conforme veremos a seguir.

O fato é que esses relatos possuem uma complexidade que possibilita várias interpretações. E isso se deve ao fato de que o turismo pode ser compreendido como um sistema complexo que possui várias possibilidades, tal qual preconiza a teoria da complexidade proposta por Morin (2011). A complexidade coincide com uma parte de incerteza dos fenômenos. É a incerteza no seio de sistemas ricamente organizados (Morin, 2011, p. 35). Ela está ligada a uma mistura de ordem e desordem, portanto, a complexidade é dialógica, pois a parte está no todo, mas o todo está na parte (Morin, 2011, p. 74).

A complexidade afirma que não há um ponto de vista soberano (Martinazzo; Dresch, 2014, p. 459), mas, quem sabe, entendimentos que se complementam ou se somam, e isso facilita o entendimento das experiências de turismo (Matos; Barbosa, 2018), incluindo o deslocamento de pessoas de diversas partes do Brasil e do mundo em busca de uma experiência com o chá da ayahuasca na RMR. Além do mais, é preciso compreender em que medida esse deslocamento colabora, dentre outras coisas, para processos de decolonização da experiência turística .

Decolonizando os saberes e fazeres

No Brasil é perceptível a valorização de uma cultura que foi imposta para nós séculos atrás durante a invasão: a cultura branca, europeia e católica. No período da colonização europeia, existia a necessidade da imposição de uma cultura dos dominadores com o objetivo de inferiorizar as tradições dos dominados, tirando sua legitimidade. Os povos originários que habitavam esse território foram obrigados a desconsiderar seus conhecimentos e modificar toda a sua estrutura cultural. Quijano (2005, p. 130) afirma:

Aqui a tragédia é que todos fomos conduzidos, sabendo ou não, querendo ou não a ver e aceitar aquela imagem como nossa e como pertencente unicamente a nós. Dessa maneira, seguimos sendo o que não somos. E como resultado não podemos nunca identificar nossos verdadeiros problemas, muito menos resolvê-los, a não ser de uma maneira parcial e distorcida.

Vale lembrar que, muito antes da chegada dos portugueses ao Brasil, o território nacional era povoado por povos indígenas com uma cultura diversa, que viviam em harmonia com a natureza, com uma riqueza incomparável de significados,

saberes ancestrais e espiritualidade, mas tudo isso foi oprimido por aqueles que tentaram, e ainda tentam, manter essa tradição esquecida.

Krenak e Campos (2021) lembram que no Brasil, até a Constituição de 1988, não era garantido aos povos indígenas o direito de confeccionarem seus artefatos, de construir seus objetos, de viverem em seus territórios e de se expressarem em sua própria língua, sendo, inclusive, vedado aos indígenas fazerem o registro civil com o nome na língua materna: os filhos dos indígenas eram nomeados com nomes portugueses.

Considerando que “falar uma língua é assumir uma cultura” (Fanon, 2008, p. 50), quando não é garantido esse direito, invisibilizam-se esses povos, impedindo-os de transmitir uma herança cultural. Portanto, o pensamento decolonial trata “de conceder voz às narrativas oriundas de experiências históricas vivenciadas localmente pelos povos subalternizados na situação colonial” (Reis; Andrade, 2018, p. 05).

O pensamento decolonial propõe romper com a matriz colonial de poder que colonizou o nosso ser, nosso poder e nosso saber (Quijano, 2005; Mignolo, 2007), ele propõe um giro decolonial (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007) para se contrapor a essa matriz, que, dentre outras coisas, está presente na subjetividade dos povos colonizados. A decolonização surge como uma tentativa de emergir conhecimentos que sempre existiram e que não encontraram sua devida valorização. Existe então uma luta contínua de resistência dos países invadidos para reverter os danos causados no passado (Cunha, 2018, p. 308).

O decolonialismo (sem “s”) se diferencia do descolonialismo (com “s”), pois este se refere a um processo social que tem como objetivo reverter o colonialismo, ou seja, afirma que o processo histórico causado pelos colonizadores foi finalizado quando das lutas anticoloniais que possibilitaram a independência das colônias, portanto, é preciso superar esse período. Já o decolonialismo (sem “s”) entende o processo colonizador como um padrão mundial de poder que perdura até os dias atuais (Ballestrin, 2013), visto que as marcas deixadas pelo colonizador não abandonaram os territórios colonizados (Reis; Andrade, 2018, p.04). Então o pensamento decolonial propõe “identificar, visibilizar e identificar lugares de exterioridades e construções alternativas” (Walsh, 2009, p. 14-15), ele transcende a colonização, subverte o padrão colonial de poder ao revelá-lo.

O pensamento decolonial conta com o protagonismo de intelectuais de diversas localidades latino-americanas, que no final dos anos de 1990 criaram o Grupo Modernidade/Colonialidade/Decolonialidade (Grupo M/C/D) (Ballestrin, 2013). As críticas feitas ao contexto moderno e colonial de poder abriram espaço para a transformação de uma condição colonial de poder que historicamente dominou, oprimiu e escravizou os colonizados. Portanto, o decolonialismo (sem “s”) leva em consideração uma cultura complexa e diversa que foi (e ainda é) silenciada pelos invasores séculos atrás (Cunha, 2018).

É preciso trazer as discussões do pensamento decolonial para o debate sobre a atividade turística, e, nessa perspectiva, o deslocamento de pessoas em busca de uma experiência com o chá da ayahuasca na RMR pode ser percebido dentro da perspectiva decolonial do turismo ou como um turismo decolonial?

Metodologia

Esta pesquisa é resultado de um projeto aprovado pelo Edital 07/2020 da Diretoria de Extensão e Cultura (PROExC) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Com o auxílio da Bolsa de Incentivo à Criação Cultural (BICC), foi produzido um documentário sobre o chá da ayahuasca e o relato dos visitantes que participaram dos rituais e tomaram o chá em algum dos locais localizados na RMR, que culminou em “Decolonizando o Turismo: rituais indígenas com a ayahuasca em Pernambuco”, disponível na plataforma online do YouTube (<https://www.youtube.com/watch?v=Ss7LPGSxKVM>).

A partir dessa produção audiovisual, um outro projeto foi submetido e aprovado pelo Edital PIBIC/CNPq/UFPE no ano de 2022, com o principal objetivo de entender sobre as motivações dos deslocamentos a partir dos relatos obtidos para o documentário, e também com a intenção de aprofundar o tema em questão.

Então, a pesquisa se destaca como qualitativa de natureza descritiva. Quanto aos procedimentos metodológicos, foram realizados levantamento conceitual bibliográfico e análise das entrevistas e dos relatos realizados e obtidos para a composição do documentário “Decolonizando o Turismo: rituais indígenas com a ayahuasca em Pernambuco” no ano de 2021.

Para o levantamento conceitual bibliográfico foram selecionados e analisados artigos nas plataformas periódicos CAPES, *SciELO* e publicações em turismo, com as seguintes palavras-chave: ayahuasca, enteógeno, etnoturismo, turismo religioso, turismo místico, teoria da complexidade e decolonização. Optou-se pela busca por palavras em português e em espanhol para que os artigos selecionados pudessem tratar de experiências locais e também revelassem a produção acadêmica dos pesquisadores latino-americanos partindo de uma perspectiva decolonial da ciência. Não foi delimitado um recorte temporal específico para os artigos, visto que se optou por produções científicas em que constasse a definição dos termos abordados nesta pesquisa.

Foram obtidos 50 relatos, sendo 20 com indígenas de diversas etnias do Brasil, incluindo os Fulni-ô do Estado de Pernambuco, localizados no município de Águas Belas, 02 indígenas da etnia Huni Kuin e 01 indígena da etnia Yawanawa, ambos do Estado do Acre. Além dos indígenas, foram realizadas entrevistas e obtidos relatos de 30 pessoas que se deslocaram de seus estados e de seus países para participarem de rituais envolvendo o uso do chá da ayahuasca na RMR

Os relatos dos 20 participantes indígenas de diferentes etnias foram obtidos a partir de entrevistas semiestruturadas, de forma on-line via *Google Meet*, com indígenas da Amazônia, e também foram realizadas entrevistas presenciais com indígenas do

sertão pernambucano, as quais dependeram das restrições impostas pela Covid-19. Para os indígenas foram realizadas perguntas sobre a cultura, o chá da ayahuasca, e outras perguntas necessárias que complementassem o entendimento do tema.

Todavia, para este artigo, utilizaremos apenas os relatos dos visitantes não indígenas que compartilharam as suas motivações de deslocamento e os significados das suas experiências.

Para esse grupo de 30 pessoas, composto tanto por brasileiros de diversos estados quanto por estrangeiros de diversos países, foi aplicado um questionário on-line. Todos os participantes receberam as mesmas perguntas e gravaram um vídeo com suas respostas, que foram incluídas no documentário.

Porém, nem todas as respostas foram consideradas para o material final do documentário ou para este artigo, por se tratar de uma grande quantidade de material produzido pelos 30 participantes. Então, para este artigo, optou-se por considerar as entrevistas de 16 participantes cujas respostas correspondem às seguintes perguntas: 1) Por que decidiu consagrar a ayahuasca em Pernambuco? 2) Como foi seu acolhimento na Aldeia da Vida/Aldeia UniOm/Casa de Xamanismo? 3) Compartilhe seu relato com a ayahuasca. Como foi a cerimônia de consagração, como se sentiu depois desse ritual? 4) Sobre a ayahuasca, que mensagem você considera importante ser compartilhada?

No Quadro 1, há detalhes sobre os entrevistados

Quadro 1 - Dados dos Entrevistados

Sigla do Nome	Local de Origem	Local que Frequenta
M.H	Canadá	Aldeia UniOm
C.H.	São Paulo	Aldeia UniOm
A.Z.	Itália	Aldeia UniOm
J.P.	Brasília	Aldeia da Vida
J.R.B	Paraíba	Casa de Xamanismo Centro da Terra
H.B.A.	Brasília	Aldeia da Vida
A.R.A.A.	Bahia	Aldeia da Vida
G.M.M.	São Paulo (atualmente residente na Califórnia - EUA)	Aldeia da Vida
A.M.	Inglaterra	Aldeia da Vida
D.L.M.	Paraíba	Aldeia da Vida
L.H.N.D.	Pernambuco (Sertânia)	Casa de Xamanismo Centro da Terra
M.P.	Espírito Santo (atualmente residente na Austrália)	Aldeia da Vida
L.A.S.	Pernambuco (Garanhuns)	Casa de Xamanismo Centro da Terra
J.W.M.M.	Paraíba	Aldeia da Vida
R.E.P.	Rio de Janeiro	Aldeia da Vida e Casa de Xamanismo Centro da Terra
D.A.	Paraíba	Aldeia da Vida

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Vale ressaltar que a escolha dos locais (Casa de Xamanismo Centro da Terra, Aldeia da Vida e Aldeia UniOm) ocorreu por serem locais de conhecimento de um dos autores deste artigo que frequenta tais localidades. A partir dessas visitas, foi possível identificar a presença de pessoas de diversos estados do Brasil e estrangeiros, que conhecem a existência desses lugares através das redes sociais, e também porque são locais que recebem os indígenas de diversas etnias, como os Fulni-ô, os Huni Kuin, os Yawanawa e os Noke Kuin, para conduzirem os rituais com o chá da ayahuasca, guiando as pessoas nas experiências.

Para a análise dos dados coletados, optou-se pelo paradigma interpretativista cujo resultado de uma investigação não alega que o relatório final seja a realidade objetiva e verdadeira de um fenômeno, mas uma “interpretação do pesquisador sobre as interpretações dos indivíduos que participam em um determinado fenômeno” (Saccol, 2010, p. 15). Foi utilizada a técnica de análise temática que envolve “a busca a partir de um conjunto de dados, seja originário de entrevistas, grupos focais ou de uma série de textos, a fim de encontrar os padrões repetidos de significado” (Rosa; Mackedanz, 2021, p. 11).

Por fim, este artigo optou pelo anonimato dos participantes. Apesar de todos terem permitido para a produção do documentário o uso das suas entrevistas e relatos através de assinatura de termos de consentimento, a produção deste artigo é posterior à assinatura do termo, e como não foi algo acordado entre os entrevistados, optamos pelo anonimato.

Resultados

A ayahuasca é conhecida como planta mestre ou planta de poder, utilizada como um chá em práticas ritualísticas de cura ancestrais indígenas originárias da Região Amazônica do Brasil. O chá da ayahuasca, popularmente conhecido como o “vinho da alma”, devido ao seu potencial expansor de consciência, é feito a partir da cocção de duas plantas amazônicas: o cipó, conhecido como jagube ou mariri, e as folhas de um arbusto chamado chacrona. Seus efeitos são obtidos a partir da “associação de β -carbolinas, inibidores reversíveis da enzima monoaminoxidase (MAO), com a *P. viridis*, que contém [N-dimetiltriptamina] o DMT” (Araújo; Tatmatsu, 2020, p.117). Dessa forma, a ingestão do chá resulta no aumento de serotonina e torna possível que o DMT, molécula presente naturalmente no nosso organismo, seja metabolizada e administrada por via oral. É, portanto, um chá enteógeno.

Apesar de o termo alucinógeno ser utilizado para definir algumas substâncias alteradoras de consciência, vale diferenciar a classificação das “plantas de poder”, como a ayahuasca, os cogumelos mágicos, o cacto mescaline, e muitas outras espécies de vegetais cultuadas pelos povos originários. Alguns pesquisadores utilizam o termo enteógeno em substituição ao termo alucinógeno, que carrega consigo conotações que têm origem nos paradigmas culturais gerados nos anos 60, a exemplo dos psicodélicos

utilizados no movimento da contracultura (Tupper, 2011, p. 02). A ayahuasca, assim como outras “plantas de poder” ou “plantas mestres”, faz parte de históricos processos ritualísticos dos povos originários, portanto, seu uso, além de alterar a consciência, por ter efeitos neuropsicológicos imediatos, está inserido em práticas sociais ritualísticas que são capazes de despertar o “Deus interior” (Tupper, 2011, p. 02). Para Labate e Goulart (2005, p. 358), elas são “capazes de ensinar ao ser humano o caminho para o contato com Deus e com uma realidade superior, acessando conhecimentos e ensinamentos profundos sobre si, e sobre a realidade”.

O uso do chá da ayahuasca é assegurado pela legislação brasileira. O Relatório Final do Grupo Multidisciplinar de Trabalho do Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (CONAD), publicado em 2010, libera o uso do chá desde que tenha uma perspectiva sagrada e seja realizado em contexto religioso, bem como para fins de pesquisa de sua utilização terapêutica, desde que inserido no contexto da fé (Resolução CONAD, n. 1 de 25/01/2010).

A utilização do chá da ayahuasca rompeu os limites das aldeias indígenas da Floresta Amazônica a partir da popularização do Santo Daime, uma manifestação religiosa que influenciou a origem de diversas outras que utilizam o chá da ayahuasca como fonte de conexão espiritual, como a União do Vegetal - UDV e a Barquinha (Honorato; Saraiva, 2021, p.122). Quando um adepto toma um chá da ayahuasca em algum ritual, diz-se que ele consagrou esse chá, ou seja, consagrar é o ato de beber o chá da ayahuasca.

Vale ressaltar que essas religiões ayahuasqueiras tradicionais (Santo Daime, UDV e Barquinha) tiveram um papel fundamental para a regulamentação do chá em território brasileiro e para o seu uso em contexto religioso, conforme constatou Goulart (2019, p. 201):

O período que marca o início do movimento de expansão de alguns destes grupos para várias regiões do Brasil coincide com as primeiras iniciativas de regulação do governo brasileiro em relação aos usos da ayahuasca feitos por estes mesmos grupos.

A ayahuasca é considerada também como uma planta medicinal, sendo recorrida em processos rituais de cura em que “receitas caseiras não obtiveram sucesso. O uso do chá vai além da cura de patologias físicas, sendo utilizado como fator defensor contra os ataques do plano metafísico” (Lira, 2018, p. 65). Assis e Conceição (2020, p.163) informam:

Por sua vez, historicamente, os registros apontam que o uso da bebida possui diversas funções nos distintos grupos indígenas, assumindo papéis de remédio, diagnóstico e busca pela fonte da doença, no sistema de medicina tradicional da etnia, ou veículo de comunicação com o mundo dos mortos (Luz, 2002). Atualmente, o seu uso ganha contornos diferentes em cada região e cultura onde se consome a bebida.

Todavia, apesar desses contornos diferentes, Lira (2018, p. 65), ao pesquisar sobre a cura ayahuasqueira ameríndia, se deparou com “ampla similaridade simbólica, ritualística e mitológica dentre civilizações locais”:

Apesar das divergências étnicas e culturais, o âmago das práticas xamanísticas procede, não apenas na restauração do equilíbrio dos processos orgânicos, mas na atenção ampliada aos fatores englobantes da vida, incluindo a psique e tudo considerado transcendente à condição humana. Saez (2008) observou as finalidades do chá dentre indígenas, onde o mesmo adquire função de agente curador, surtindo benefícios nos organismos adoentados, embora os xamãs consagrem a substância isoladamente e durante sua viagem astral consigam diagnosticar patologias nos corpos, assim como extraí-las da “matéria” do paciente, mediante batalhas performáticas e negociações com entidades espirituais (Lira, 2008, p.65).

A partir da sua popularização, os rituais com o uso do chá da ayahuasca começaram a atrair pessoas de diversos credos com objetivos distintos, mas que tinham uma vontade em comum, a conexão com uma tradição nativa da terra, a participação em rituais sagrados, inclusive rituais de cura. E mesmo com a Resolução do CONAD de 25/01/2010 orientando que as instituições religiosas evitem a prática do turismo como atividade comercial visando à obtenção de lucro (artigo 31), existe um deslocamento de pessoas de várias partes do mundo e do Brasil para a região metropolitana do Recife em busca de participação em rituais que façam uso do chá da ayahuasca. O que efetivamente essas pessoas buscam? É possível perceber esse deslocamento como um tipo de turismo?

A partir dos relatos obtidos pelos participantes que se deslocam de seus locais de origem para terem experiências com o chá da ayahuasca na RMR, podem-se identificar algumas categorias que auxiliam no entendimento da complexidade que envolve esse tipo de deslocamento: a) o acolhimento e a segurança dos locais; b) o contato com os povos originários; c) as conexões com a natureza; d) conexões com o divino, com algo espiritual e misterioso.

O acolhimento e a segurança são destaques entre as motivações dos visitantes. Alguns dos relatos destacaram o acolhimento, a segurança e a seriedade dos ritos e rituais dos locais que realizam esses tipos de cerimônias ritualísticas com o chá da ayahuasca na RMR.

M.H, residente do Canadá; C.H, residente de São Paulo; e A.Z, residente da Itália, todos frequentadores da Aldeia UniOm, destacaram o comprometimento, o engajamento, a confiança e o acolhimento do local. M.H disse: “eu fui muito bem acolhida com muito amor”. C.H relatou: “eles são uma referência de certa forma para mim, e eu confio neles. Me senti muito bem acolhido, desde anamnese, até o espaço físico, e todo cuidado deles o tempo inteiro, atenção o tempo inteiro”. A.Z disse:

Andando nessas andanças, eu descobri Aldeia UniOm, e lá tudo mudou na minha vida, porque eu encontrei pessoas sérias, comprometidas com o coletivo,

engajadas numa pesquisa, numa pesquisa do ser. Pessoas que eram comprometidas com as tradições indígenas brasileiras.

J.P., residente de Brasília, frequentou a Aldeia da Vida. Destacou a seriedade, o acolhimento, o bem receber e a energia do local; já J.B.R, residente de João Pessoa (Paraíba), frequentou a Casa de Xamanismo Centro da Terra e disse ter sido bem acolhido:

Um acolhimento maravilhoso, um suporte, um apoio, principalmente. Já que a gente faz um ritual tendo como base em uma medicina sagrada da terra, você precisa do apoio de pessoas que sabem o que é que tá acontecendo pra poder te guiar nesse processo. Para mim, esse apoio foi e é sempre fundamental.

J.B relata ainda que decidiu consagrar a medicina da ayahuasca em Pernambuco por não ter encontrado na sua cidade “nenhum lugar que oferecesse esse tipo de ritual de conexão com a natureza”.

Outra categoria que apareceu nos relatos dos entrevistados foi o contato com os povos originários, seus saberes e fazeres. H.B.A., residente de Brasília, consagrou a ayahuasca na Aldeia da Vida, destacou o acolhimento e a energia diferenciada do local e a importância de ter tido contato com os indígenas Fulni-ô.

A dinâmica da cerimônia do ritual da ayahuasca foi muito diferente. A gente não estava acostumado com essa dinâmica de ficar em uma roda na frente da fogueira. Foi muito diferente estar com todos os irmãos lado a lado. Foi uma energia muito bacana, e a música acontecendo o tempo inteiro, ao vivo, então foi uma energia muito diferente, de alto nível e também tivemos a presença de um irmão Fulni-ô, que praticamente guiou o ritual, e em um dado momento ele chamou, convidou todo mundo para dançar em volta da fogueira, e aquilo foi assim, até me arrepiar quando eu penso, porque foi uma coisa muito única, foi muito emocionante e dançamos, balançamos. Ele com a maracá e o pessoal com os instrumentos ao mesmo tempo, aquela coisa incrível, a fogueira queimando, aquela coisa belíssima. Foi uma cerimônia muito boa para mim. Senti uma força muito acalentadora, acolhedora mesmo.

A.R.A.A, residente do Estado da Bahia e frequentadora da Aldeia da Vida, destaca a importância de ter tido contato com os “guardiões dessa medicina”, os indígenas da etnia Yawanawa. O relato traz informações sobre o que a fez realizar esse deslocamento para a RMR.

Às vezes as pessoas perguntam: Você vai de Salvador para Pernambuco? Para um rito? Para consagrar? Não tem medicina em Salvador? Sim! Tem medicina em Salvador (risos!). E muitas pessoas com a mesma seriedade, mas na Aldeia da Vida eu encontro um sentimento de pertença, um sentimento de estar em casa, e o mais importante, um encontro, um respeito à tradição. Há uma diferença em você tomar uma rapézada e você se conectar com a medicina. Há uma diferença entre você tomar um copo de ayahuasca e você entender que você está entregando sua vida

para esta medicina. Aprendendo cantos, aprendendo rezos, e perceber como tudo isso faz parte de um conjunto sagrado me faz vir de Salvador para Pernambuco. E essa disponibilidade de partilhar o ensinamento como a tradição pede, com o respeito que a tradição pede, eu encontro nessa casa, eu encontro nesse lugar.

G.M.M., de São Paulo, mas que reside atualmente na Califórnia (EUA), conta que a primeira vez que aprendeu sobre a ayahuasca foi em Nova York, em 2019, em um evento que reuniu diferentes povos. A primeira vez que consagrou foi na Califórnia, veio ao Brasil em 2020, frequentou a Aldeia da Vida, e relatou que a experiência que teve na Califórnia foi diferente da que teve na Aldeia da Vida, pela seriedade do trabalho. Sobre a experiência que teve na Aldeia da Vida, revelou que “fortaleceu as raízes brasileiras”.

A.M., que reside atualmente na Inglaterra, consagrou pela primeira vez com a ayahuasca em 2012, conta que, além do Brasil e do Reino Unido, já teve experiências em outros países latino-americanos: Argentina, Bolívia e Peru. Frequentou a Aldeia da Vida e relatou sua experiência

Foi incrível! Foi minha reconexão com as populações indígenas do Brasil. Eu acho que eu passei muito tempo indo buscar respostas fora do meu país e ter tido essa oportunidade. A Aldeia da Vida faz um trabalho incrível, são pessoas sérias, são nossas origens, nossas histórias.

Sobre as experiências que teve em outros países, importante é o relato de A.M. sobre o Peru:

Eu vi como era o mercado no Peru, como se tornou no Peru. É triste! É triste de ver! Você consegue comprar, você desce na rua, você consegue comprar o chá nos mercados locais, porque a galera entende que há uma demanda, tem gente do mundo inteiro que vai para lá pra isso. Então se tornou um mercado. Milhões de agências fazem tour ayahuasqueiro, e é uma forma de as populações originárias, dos indígenas, ganharem seu sustento. Longe de mim julgá-los. Mas é triste! É triste de ver e a galera tá na disposição de pagar o valor que for, o valor que for para poder ter essa experiência.

De acordo com A.M. a experiência com o chá da ayahuasca no Peru já se tornou parte de um mercado turístico: o tour ayahuasqueiro, porém, no Brasil, o artigo 26, a Resolução do CONAD n. 1 de 25/01/2010, estabelece que “quem vende ayahuasca não pratica ato de fé, mas de comércio, o que contradiz e avilta a legitimidade do uso tradicional consagrado pelas entidades religiosas”, portanto, o uso turístico da ayahuasca deve ser evitado de acordo com os artigos 31 e 32 dessa Resolução, que delimita o uso apenas para fins religiosos.

O contato com a natureza é descrito por D.L.M., residente do município de Campina Grande (Paraíba), que já consagrou 03 vezes na ayahuasca, e descreve a primeira experiência como corporal e cinestésica; a segunda envolveu reações mentais e a terceira, em 2020 na Aldeia da Vida, envolveu reações emocionais, relativas à aceitação, apaziguamento e agradecimento. Sobre a terceira experiência, D.L.M. relembra o contato

que teve com os Fulni-ô e descreve a importância da imersão com a natureza, “poder estar ali em contato com os grilos, com as folhas, os bichos, a coruja, os passarinhos cantando de manhã, o riacho”.

L.H.N.D., residente do município de Sertânia (Pernambuco), consagrou a ayahuasca em 2019 na Casa de Xamanismo Centro da Terra e menciona também a relação com a natureza ao dizer que estava curioso em saber como o chá atuaria no corpo e também pela possibilidade de “abertura para se conectar com a natureza”.

H.B.A., residente de Brasília, consagrou a ayahuasca na Aldeia da Vida, pois estava buscando uma experiência diferenciada, com mais contato com a natureza. E diz sobre sua passagem na Aldeia da Vida:

Uma espécie de spa, uma pausa para mim. De uma pausa de toda essa vida agitada, atribulada que a gente tem no cotidiano, e eu encaro o ritual como um parêntese no meio disso tudo, onde você pode parar e se ouvir e ouvir a medicina, ouvir o que a terra, o que a natureza tem para te dizer e para te ensinar, em nível cósmico, digamos assim. Então é uma das formas de a gente acessar essa informação.

Além do contato com a natureza, H.B.A. também destaca a conexão com o mundo:

Eu creio que a mensagem que a gente recebe da ayahuasca é justamente essa, não estamos sozinhos, nem no processo, nem na terra, nem no universo... É difícil se sentir só depois de uma experiência com a ayahuasca, porque você entende que você está conectado com tudo e que você é uma parte de tudo.

Outra motivação que aparece nos relatos é a conexão com o divino, com algo espiritual e misterioso. M.P. morava no Estado do Espírito Santo, mas atualmente reside na Austrália. Teve a sua primeira experiência com a ayahuasca em 2019, na Aldeia da Vida, e diz:

Foi o mais próximo que eu me senti de Deus, do Divino... enfim. A minha melhor e maior conexão com a natureza, com... enfim, com o cosmos. Foi incrível! Acho que todo mundo deveria passar por uma experiência com ayahuasca na vida .

Já L.A.S, residente do município de Garanhuns (Pernambuco) e frequentadora da Casa de Xamanismo Centro da Terra diz:

Foi uma experiência muito profunda, na verdade e também cheia de mistérios, de medo mesmo, porque o desconhecido sempre causa medo. A medicina é bem ampla, serve para vários aspectos, seja de cura, seja de uma busca, de uma resposta do universo, uma conexão com o divino, independente de sua religião. Tive todas as respostas, foi um momento muito emocionante.

J.P., residente de Brasília, frequentou a Aldeia da Vida e relatou:

Você se desperta tanto, você sai tanto da *matrix*, que você começa a achar que você está louca, que você está enlouquecendo e que você não vai voltar ao normal nunca mais. A verdade é que você não volta ao normal mesmo mais não, mas graças a Deus por isso! Porque é um despertar tão profundo que não tem como mais voltar ao antigo. É muito bom isso.

J.W.M.M, residente da cidade de João Pessoa, que consagrou na ayahuasca em 2017 e frequentou a Aldeia da Vida, diz:

O contato com a ayahuasca é o contato com a divindade. Você tem condições de alcançar níveis dimensionais, de abrir portais. O seu corpo físico que é denso a partir do momento que a força chega, a própria força equaliza, ritmiza. Faz com que aconteça o alinhamento entre o corpo físico, que é denso, e o corpo espiritual. E quando você alcança os níveis do espírito, você consegue não somente trabalhar dores do corpo, mas também, dores na alma.

E complementa:

É uma experiência ímpar, que por mais que eu torne eloquente a minha narrativa, nunca será suficiente para matizar os sentidos e os significados tão fortes dessa experiência para o corpo e para o espírito. Então a forma com que eu busco, eu tento explicar, e ao mesmo tempo compartilhar o que é que a ayahuasca proporciona, é sempre muito complexo, e ao mesmo tempo sempre desafiador.

As curas no corpo e na alma também são mencionadas entre as pessoas que experimentam o chá da ayahuasca através de processos que possibilitam curas de doenças e resultados no corpo (uma espécie de desintoxicação). M.P., residente na Austrália, relata ainda, quando teve sua primeira experiência com a ayahuasca em 2019, na Aldeia da Vida:

Consegui enxergar muita coisa que eu não tinha muita consciência ainda sobre mim. Sombras, traumas, medos... Mas ao mesmo tempo que a ayahuasca te mostra tudo aquilo e que não é fácil olhar, a gente sabe que não é fácil olhar, ela te mostra aquilo com muito amor e com uma capacidade de que, se você tá vendo, você tem capacidade de curar e de ser melhor e de evoluir, de crescer.

R.E.P, residente do Estado do Rio de Janeiro, frequentou a Aldeia da Vida e a Casa de Xamanismo Centro da Terra, e também enfatizou as mudanças no corpo e na alma:

Cada vez que você vai consagrando, se aprofundando mais, você vai vendo que nem tudo é tão simples. E existem algumas coisas sobre alimentação que você acaba mudando, você vê a necessidade disso, então você tem que parar de consumir açúcar ou diminuir o consumo de açúcar, parar ou diminuir consumo de álcool, parar ou diminuir o consumo de tabaco, parar ou diminuir consumo de drogas. Se a pessoa não estiver disposta, ela vai tomar o chá, vai ter revelação, vai ter miraço, vai ter a cura, mas ela vai ser muito momentânea. Se a pessoa não

estiver disposta a lutar contra aquilo, vai ser muito difícil. Vá! Mas só vá se estiver disposto a mudar, se você tiver força para encarar, a se enxergar, a olhar para você com outros olhos. Tenha essa disposição!

A.R.A.A, residente do Estado da Bahia e frequentadora da Aldeia da Vida, revelou que tem experiência com a ayahuasca há 11 anos, mas que veio para Pernambuco por questões de saúde e iniciou uma trajetória de cura e de buscas para que pudesse recuperar a saúde. Relata:

Iniciei para fazer um mergulho de 14 dias com orientação de diminuir a quantidade de açúcar e de sal, todas as coisas que a gente sabe que nos desconecta, e fui nessa caminhada do insosso ao amargo para me entender melhor com essa medicina e entender melhor como ela poderia chegar pra mim com uma cura da minha alma e do meu corpo físico.

Ela conta que, inicialmente, iria passar 14 dias na Aldeia da Vida, mas sua estadia passou de 30 dias. Relata: “nessa caminhada, nessa trajetória, foram 22 quilos eliminados, mudanças radicais na vida e na forma de enxergar o mundo e as pessoas”.

Por fim, D.A, residente em Campina Grande, consagrou a ayahuasca pela primeira vez em 2019 e frequenta a Aldeia da Vida desde 2020, diz:

Falar de um ritual de consagração da ayahuasca com toda a diversidade, toda a complexidade que é inerente a ele, se torna realmente insuficiente através das palavras, porque realmente só vivendo a experiência para saber, sentir e compreender o que é que realmente você tem condições de acessar numa jornada como essa.

Considerações Finais

Apesar das definições sobre etnoturismo, turismo religioso e turismo místico não serem suficientes para definir o deslocamento de pessoas que decidem consagrar a ayahuasca na região metropolitana de Recife (Pernambuco), existem outras possibilidades de entender esse fenômeno a partir de discussões que se aproximem de outros campos de estudos, tais como sociológico, antropológico, e até no campo do turismo em estudos sobre mobilidades turísticas.

Nos rituais que acontecem na RMR utilizando o chá da ayahuasca, alguns indígenas são os protagonistas dessas vivências, são os guias que realizam os rituais. Mas percebe-se que esse aspecto não é suficiente para definir esse tipo de experiência como etnoturismo, visto que não há uma vivência imersiva na cultura de alguma comunidade indígena específica.

Também, apesar de haver aspectos espirituais ou religiosos nesses rituais, não é possível classificar esse tipo de turismo como turismo religioso, visto que não existe uma religiosidade coletiva única para essa experiência. Os aspectos místicos também se fazem presentes nessas experiências com o chá da ayahuasca, como a questão energética e

visionária dos efeitos causados pelo chá, mas, mesmo assim, denominá-lo turismo místico não é suficiente, visto que esse não é o único objetivo relatado pelas pessoas que se deslocam em busca de uma experiência com o chá da ayahuasca.

Então, para compreender tal deslocamento, é necessário percebê-lo como algo complexo, em que o contato com natureza, o autoconhecimento, as conexões com o divino, com algo espiritual e misterioso, as curas no corpo e na alma, a não separação entre o físico e o espiritual, o acolhimento e a segurança dos locais e o contato com os povos originários são categorias que auxiliam no entendimento da complexidade que envolve esse tipo de deslocamento.

Todas essas categorias, mas, sobretudo o acolhimento e a segurança dos locais e o contato com os povos originários, marcam o diferencial da escolha pela consagração com a ayahuasca na Casa de Xamanismo Centro da Terra, na Aldeia da Vida, e na Aldeia UniOm, todas localizadas na região metropolitana do Recife. É o acolhimento e a segurança desses locais, somados ao contato com os povos originários, pois são os indígenas das diversas etnias, como os Fulni-ô, os Huni Kuin, os Yawanawa e os Noke Kuin, que realizam os rituais, preparando o chá e guiando as pessoas nas experiências, que fazem com que ocorram os deslocamentos de pessoas de diversos estados do Brasil e de outros países a participarem desses rituais na RMR.

Além disso, no mundo em que vivemos atualmente, nada se define como algo fixo e simplificado, tendo assim uma multidisciplinaridade e uma fluidez de vivências e significados presentes nas relações e nas atividades interpessoais. Por isso, a teoria da complexidade auxilia na compreensão desse tipo de deslocamento, em que as experiências podem ser consideradas como um sistema aberto no qual coexistem pensamentos diferentes, e todos esses pensamentos distintos fazem parte do todo, e o todo é justamente a própria complexidade.

Ademais, esse deslocamento também precisa ser compreendido a partir da perspectiva decolonizadora do turismo. Afinal, apesar de a Resolução do CONAD n. 1 de 25/01/2010 delimitar o uso religioso da ayahuasca, proibindo a sua comercialização e evitando a prática do turismo como atividade comercial, foi possível perceber a busca de conexões e reconexões com a cultura e com os saberes e os fazeres ancestrais dos povos originários, um dos principais pontos ressaltados na motivação dos entrevistados.

A experiência da consagração da ayahuasca na RMR traz consigo a busca pela ancestralidade, pelo contato intenso com a natureza e com os povos originários. Sendo assim, é possível considerá-la como turismo decolonial? Esse é um tema que precisa de maior atenção pelos estudos do turismo, da atividade turística e do deslocamento de pessoas em busca de conexões e reconexões, como acontece entre as pessoas que experimentam o chá da ayahuasca na região metropolitana de Recife.

Referências

- ABUMANSUR, Edin Suede.
(2018). Turismo religioso e identidade nacional. *Horizonte*, vol. 16, n. 49, p. 88-106. Disponível em: <http://doi.org/10.5752/P.2175-5841.2018v16n49p88-106>
- ALMEIDA, Lorrana Laíla Silva; ENOQUE, Alessandro Gomes; OLIVEIRA JÚNIOR, Antônio de.
(2019). Turismo Religioso como fonte de Desenvolvimento Local. *Marketing & Tourism Review*, vol 4, n. 2, p. 1-37, Disponível em: <https://doi.org/10.29149/mtr.v4i2.5538>
- ARAÚJO, Sofia Azevedo; TATMATSU, Daniely Ildegardes Brito.
(2020). Pesquisas com Ayahuasca na Psicologia: uma revisão de literatura sobre o potencial terapêutico / Research with Ayahuasca in Psychology: A literature review of its therapeutic potencial. *Revista de Psicologia*. vol. 11, n. 2, p. 156 - 164. Disponível em: <https://doi.org/10.36517/10.36517/revpsiufc.11.2.2020.12>
- ASSIS, Jaqueline Tavares; CONCEIÇÃO, Maria Inês Galndolfo.
(2020). Compreensão de sentidos atribuídos à ayahuasca: percursos terapêuticos do uso ritualístico. *Revista da Abordagem Gestáltica*, vol. 26, n. 2, p. 162-174. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.18065/2020v26n2.4>
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial.
(2013). *Revista Brasileira de Ciência Política*, vol. 1, n. 11. p. 89-117. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOQUEL, Ramon.
(2007). Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico. In. CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOQUEL, Ramon (coords.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, p. 9-24.
- CHOO, Hyungsuk; PETRICK, James F.
(2014). Social interactions and intentions to revisit for agritourism service encounters. *Tourism Management*, vol. 40, p. 372-381.
- CUNHA, Carlos Alberto Motta.
(2018). Teologia decolonial e epistemologias do Sul. *Interações*, vol. 13, n. 24, p. 306-333. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.1983-2478.2018v13n24p306-333>
- FANON, Frans.
(2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA.
- GAMBOA, Martin.
(2016). Turismo místico y Turismo religioso: Las diferencias conceptuales desde una mirada antropológica de la subjetividad. *Revista Uruguaya de Antropología y Etnografía*, vol. 1, n. 1, p. 25-38. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2393-68862016000100004&lng=es&tlng=es.
- GOULART, Sandra Lúcia.
(2019). A política das religiões ayahuasqueiras brasileiras: droga, religião e direitos. *Religião & Sociedade* [online]. vol. 39, n. 02, p. 200-221. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0100-85872019v39n2cap08>
- HONORATO, Bruno Eduardo Freitas; SARAIVA, Luis Alex Silva.
(2021). Ayahuasca e experiências religiosa e cultural entre indígenas da floresta amazônica e nawas das cidades. *Revista de Estudos da Religião*, vol. 21, n. 1, p. 121-137. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2021vol21i1a8>
- KRENAK, Airton; CAMPOS, Youssef.
(2021). *Lugares de Origem*. São Paulo: Jandaíra.
- KRIPPENDORF, Jost.
(1999). *The holiday makers*. London: Elsevier.
- LABATE, Beatriz Caiuby; GOULART, Sandra Lúcia (orgs).
(2005). *O uso ritual das plantas de poder*. Campinas: Mercado das Letras: Fapesp.
- LIMA, Demerson de Souza; CORIOLANO, Luzia Neide.
(2015). Turismo comunitário em terras indígenas no Estado do Acre: a experiência do Festival de Cultura Indígena Yawanawá. *Anais Brasileiros de Estudos Turísticos*, vol. 5, n. 3, p. 17-25. Disponível em: <https://periodicos.ufff.br/index.php/abet/article/view/3100>
- LIRA, Wagner Lins.
(2018). Xamanismo y enteogenia amerindia: La ayahuasca y otras “plantas de poder” en contextos indigenistas y vegetalista amazónicos. *Aceno*, vol. 5, n. 10, p. 59-78. Disponível em: <https://doi.org/10.48074/aceno.v5i10.7131>
- MARTINAZZO, Celso José; DRESCH, Óberson Isac.
(2014). Gênese das leis e dos princípios da teoria da complexidade em Edgar Morin. *Revista Brasileira de*

- Estudos Pedagógicos*. vol. 95, n. 240, p. 457-46.
Disponível em: <https://www.scilo.br/j/rbeped/a/xRbDNBDkm4sSSyz4Yc8H3hz/?format=pdf&lang=pt>
- MATOS, Mariana Bueno de Andrade; BARBOSA, Maria de Lourdes de Azevedo.
(2018). Autenticidade em Experiências de Turismo: proposição de um novo olhar baseado na Teoria da Complexidade de Edgar Morin. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, vol. 12, n. 3, p. 154-171.
Disponível em: <https://doi.org/10.7784/rbtur.v12i3.1457>
- MIGNOLO, Walter.
(2007). El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto. In. CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramon (coords.). *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, p. 25-16 .
- MINISTÉRIO DO TURISMO – Mtur.
(2010). *Segmentação do turismo e o mercado*.
Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/segmentacao-do-turismo/segmentacao-do-turismo-e-o-mercado.pdf>
- MORIN, Edgar.
(2011). *Introdução ao pensamento complexo*. 4 ed. Porto Alegre: Sulina.
- NASCIMENTO, Alan Farber; SOUZA, Vitor Chaves de.
(2019). O turismo religioso na sociedade líquido-moderna: apropriação da fé pelo trade turístico. *Estudos de Religião*. vol. 33, n. 2, p. 291-314.
Disponível em: <https://doi.org/10.15603/2176-1078/er/v33n2p291315>
- NETO, Ridivan; TOPPINO, Marcela Augusto.
(2019). Etnoturismo como meio de promoção do desenvolvimento sustentável e valorização da cultura dos povos tradicionais da amazônia brasileira. *Revista de Direito Ambiental e Socioambientalismo*. vol. 5, n. 1, p. 72-86.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.26668/IndexLawJournals/2525-9628/2019.v5i1.5563>
- QUIJANO, Aníbal.
(2025). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In. QUIJANO, A. *A Colonialidade do saber: Eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Clacso.
- REIS, Mauricio de Novais; ANDRADE, Marcileia Freitas Ferraz.
(2018). O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas. *Revista Espaço Acadêmico*, vol. 17, n. 202, p.1-11. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/41070>
- REISINGER, Yvette; TURNER, Lindsay.
(1998). Cultural Differences between Mandarin-Speaking Tourists and Australian Hosts and Their Impact on Cross-Cultural Tourist-Host Interaction. *Journal of Business Research*. vol. 42, n. 2, p. 175-187. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0148-2963\(97\)00107-0](https://doi.org/10.1016/S0148-2963(97)00107-0)
- RESOLUÇÃO CONAD nº 1, 25 de janeiro de 2010.
(2010). *Diário Oficial da União*, p. 58, Seção 01.
Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/1574500/pg-58-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-26-01-2010>
- ROSA, Liane Serra; MACKEDANZ, Luiz Fernando.
(2021). Análise temática como metodologia na pesquisa qualitativa em educação em ciências. *Atos de Pesquisa em Educação*, vol. 16, e8574, p.1-23.
Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7867/1809-0354202116e8574>
- SACCOL, Amarolinda Zanela.
(2010). Um retorno ao básico: compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em administração. *Revista de Administração da UFSM*, vol. 2, n. 2, p. 250-269 . Disponível em: <https://doi.org/10.5902/198346591555>
- SOUZA, Nadson Nei Silva de et al.
(2021). Turismo étnico indígena: definição conceptual, potencialidades y desafios en el Brasil. *Turismo: Visão e Ação [online]*. vol. 23, n. 2, p. 308-328. Disponível em: <https://doi.org/10.14210/rtva.v23n2.p308-328>
- TUPPER, Kennet.
(2011). Enteógenos e Inteligência Existencial: Plantas Mestres Como Instrumentos Cognitivos. *Revista Periferia*. vol. 3, n. 2, p. 01-26 . Disponível em: <https://doi.org/10.12957/perferia.2011.946>
- WALSH, Caterine.
(2009). Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, V.M. (org.). *Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, p. 12-43.

Recebido em
junho de 2024

Aprovado em
dezembro de 2024